



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

A SEPARAÇÃO ENTRE MENINAS E MENINOS NO ESPAÇO ESCOLAR: UM OLHAR ETNOGRÁFICO

Abraão Felipe Santos de Oliveira
Universidade Federal de Alagoas
abraaofelipe@hotmail.com

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica realizada em uma escola de educação infantil do município de Maceió com o objetivo de compreender como o ambiente escolar tem contribuído para a desigualdade entre meninas e meninos e conseqüentemente dos futuros homens e mulheres.

As concepções construídas historicamente sobre o que é ser mulher e o que é ser homem se mostram diferentes, para as mulheres o espaço do lar e a maternidade, aos homens a vida pública. Esta concepção trouxe reflexos para a realidade social das mulheres que tem se marcado historicamente dentro de um processo de dominação (BORDIEU, 2010), ainda que não possamos falar em processos unívocos e lineares.

A escola como espaços de formação dos sujeitos e como instituição integrante de uma determinada sociedade, reproduz em sua prática cotidiana os ideais construídos socialmente. Podemos encontrar elementos mesmos que não visíveis ao primeiro olhar, que nos permite identificar como a escola tem contribuído na formação do que é ser homem e do que é ser mulher por meio das práticas desenvolvidas neste espaço.

Metodologia

Por consideramos a pesquisa etnográfica como um elemento importante para a análise das relações de gênero que se estabelecem no espaço escolar, a elegemos como metodologia para a execução de nosso trabalho, uma vez que esse tipo de pesquisa possibilita “que se chegue bem perto da escola para tentar



entender como operam no seu dia-a-dia os mecanismos de dominação e resistências, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e sentir a realidade do mundo.” (ANDRÉ, 1995, p. 41). A pesquisa etnográfica como possibilidade de investigação das práticas educativas desenvolvidas na escola se mostra como um meio viável de pesquisa no espaço escolar. A partir das observações, da escuta e dos registros feitos durante o processo de pesquisa etnográfica torna-se possível realizar uma análise das práticas educativas desenvolvidas na escola, sejam elas as relações entre alunos e professor, o processo de ensino aprendizagem, as brincadeiras dos alunos e as relações estabelecidas entre estes.

Dentro do que se propõe a etnografia, realizamos visitas semanais ao campo, procurando nos despir de nossas concepções a cerca do que é uma escola, por ser um espaço em que passamos boa parte de nossas vidas e que por ser tão familiar, nos dificulta enxergar determinadas práticas que a nossos olhos parecem ser próprias do ambiente escolar. Realizamos observações do cotidiano da escola e fizemos anotações do máximo de acontecimentos em nosso diário de campo e de forma sutil procuramos ouvir os indivíduos integrantes deste espaço – crianças e adultos – na intenção de coleta de dados de nos dessem subsídios para a nossa pesquisa.

Resultados e discussão

O espaço escolar tem sido o principal espaço de formação dos sujeitos e por não estar invulnerável aos problemas sociais acaba sofrendo as consequências de tais problemas, como por exemplo as desigualdade de gênero.

Segundo SILVA, C. A . D da; et. al:

Meninos e meninas recebem educação muito diferente, embora sentados na mesma sala, lendo os mesmos livros didáticos, ouvindo o mesmo professor. É o que Sadker (1995) tenta detectar nas formas sutis e aparentemente invisíveis com que os professores interagem com seus alunos/as. Suas observações buscam rastrear desde currículos, livros didáticos, estórias infantis, personagens históricos até o tipo de pergunta,



os estímulos e reforços utilizados pelos professores, a organização do espaço etc. (p. 213, 1999)

Em nossa pesquisa foi possível perceber como a escola tem contribuído para a distinção entre os diferentes grupos, mais precisamente entre meninos e meninas que é o nosso objeto de estudo. Passamos agora a descrever algumas situações em que percebemos como os rituais do cotidiano escolar vão naturalizando a as diferenças entre meninas e meninos.

Durante a roda de conversa uma das atividades realizadas é a das fichas com os nomes dos alunos. A professora vai mostrando uma a uma as fichas com o nome de cada aluno e em seguida o aluno que tem seu nome na ficha deve colocá-la em um quadro dividido ao meio sendo um lado para os meninos e outro para as meninas, essa divisão entre meninos e meninas a princípio pode não parecer algo significativo, no entanto essa divisão marca o reflexo de um processo histórico da segregação feita entre homens e mulheres, que atualmente não se apresenta claramente no convívio social mais que nas sutilezas do dia a dia continuam se reproduzindo e conseqüentemente acabam adentrando o espaço escolar.

Ao focar as questões de gênero nos ambientes educativos é necessário, como afirma Louro, que os sentidos estejam afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. "Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas". (LOURO, 1997 apud FINCO, 2003, p. 92)

Acreditamos que a divisão feita pela professora entre meninos e meninas não é intencional mais sim um reflexo dos padrões que foram construídos historicamente e que vão se enraizando ao longo do tempo, se tornando algo natural. Segundo FINCO:

"Homens e mulheres adultos educam crianças definindo em seus corpos diferenças de gênero. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia" (FINCO, 2003 apud FINCO; VIANNA, 2009, p. 272)



Um segundo fato que chamou nossa atenção, foi durante uma atividade realizada no pátio da escola com duas turmas, sendo uma delas a que realizamos as observações. A atividade consistia em um circuito de trânsito montado no pátio da escola com placas de sinalização, faixa de pedestres, semáforos e uma pista desenhada no chão. Sob orientação das professoras e dos auxiliares de sala os alunos deveriam se vestir com um carrinho feito de caixa de papelão e percorrer todo o circuito obedecendo à sinalização. Durante o desenvolvimento dessa atividade também ocorreu uma separação entre meninos e meninas, primeiro eles e depois elas. Os carrinhos feitos de papelão estavam pintados, um de rosa e outro de azul e foi possível perceber que o simples fato da diferença das cores entre os carrinhos demarcava o espaço que meninas e meninos deveriam ocupar na brincadeira.

Uma outra situação com a qual nos deparamos foi durante o intervalo na brincadeira de pular corda, um dos professores estava em uma das extremidades da corda e a outra ponta amarrada em uma das vigas de sustentação do teto do pátio, e um aluno por vez pulava. Enquanto os demais esperavam a sua vez em fila misturados meninos e meninas, durante a brincadeira as crianças que estavam na fila começaram a empurrar umas as outras e alguns começaram a reclamar, foi quando uma das professoras veio até eles e os separou em uma fila de meninos e uma fila de meninas. Neste caso em especial a separação pode ser entendida como uma tentativa de separar as meninas tidas como bem comportadas dos meninos que seriam mais mal-comportados. E nesse sentido o estudo realizado por SILVA, HALPERN e SILVA

indicam “as meninas como mais responsáveis, dedicadas, estudiosas, interessadas, sensíveis, atentas”. Em quanto os meninos são malandros, não têm o hábito de estudo, não ficam em casa para estudar, saem para jogar bola, faltam às aulas, são dispersivos, têm interesses fora da escola, são agitados, não prestam atenção, ainda que mais inteligentes. (1999, p. 215)

Nessa situação assim como nas demais relatadas a separação entre meninos e meninas é algo recorrente, como se fosse extremamente necessário estabelecer essa divisão entre meninas e meninos, e neste caso é possível notar que o simples fato de meninos e meninas estarem separados não iria resolver a situação, tendo em vista que mesmo após terem sido separados o empurra-empurra poderia continuar tanto na fila dos meninos como na das meninas, já que não é o sexo a qual nós pertencemos que define se teremos um bom comportamento ou não e que o empurra-empurra, poderia ser provocado tanto por meninas como por meninos.

Conclusão

A partir das observações realizadas, foi possível perceber um constante esforço na separação entre meninas e meninos. A escola acaba reproduzindo em sua prática as concepções constituídas historicamente para homens e mulheres quanto ao espaço que cada um deles devem ocupar. Foi possível observar também que não existe uma intencionalidade por parte dos professores nessa separação e que eles não tem consciências das consequências que essa constante separação entre meninos e meninas pode provocar no futuro. Além disso, acreditamos que a pesquisa etnográfica pode contribuir significativamente para que possamos compreender como a construção histórica e social sobre o que é ser homem e o que é ser mulher interferem nas relações entre meninos e menina dentro do espaço escolar.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- ANDRÉ, Marli E. D. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- FINCO, D. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. PRO- POSIÇÕES, Campinas, SP, 2003.
- SILVA, C. A. D. da; HALPERN, F. B. e S. C.; SILVA, L. A. D. da. **Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados**. Cadernos de Pesquisa nº 107, p. 207- 225, julho de 1999.
- VIANNA, C.; FINCO, D. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cadernos. Pagu, 2009.
-